



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.117.A013>

Subjetividade digital em adolescentes na pandemia: um olhar da Psicologia Analítica

*Digital subjectivity in adolescents during pandemic: a perspective of Analytical
Psychology*

Jéssica Caroline dos Santos
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
<https://orcid.org/0000-0001-7786-0701>
j.santos16@pucpr.br

Alice Andrade de Souza
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
<https://orcid.org/0009-0000-8959-2441>

Bruna Guedes Corrêa
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
<https://orcid.org/0009-0003-7423-0335>

Gabriel Cavalcanti Melo
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
<https://orcid.org/0009-0000-5394-189X>

Giovanna Erculano Sodré
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
<https://orcid.org/0009-0001-3464-9591>

Resumo

Introdução: A Subjetividade Digital é uma nova percepção do mundo a partir de alterações na comunicação através de redes sociais, plataformas digitais, a rápida velocidade de propagação das informações, algoritmos e conteúdos apelativos, além da mercantilização dos dados pessoais por grandes empresas. Somado com estas revoluções tecno-comunicativas, novos arranjos familiares e composições de vínculos sociais surgiram pautadas no consumismo exacerbado, volátil e imediatista. Desse modo, pensou-se sobre a construção da subjetividade entre adolescentes no cenário contemporâneo, considerando o indivíduo em desenvolvimento e que passou por um período histórico particular durante a pandemia por COVID-19, onde o isolamento social ocasionou a imersão excessiva dos meios digitais. À luz da Psicologia Analítica, buscou-se compreender esses fenômenos atuais como a construção da subjetividade na cibercultura, possíveis impactos no aparelho psíquico e os motivos que levaram estes públicos a se refugiarem nos meios digitais. **Objetivo:** Analisar quais os impactos das redes sociais / do mundo digital na construção da subjetividade dos adolescentes, na perspectiva da Psicologia Analítica. **Método:** Pesquisa qualitativa, de caráter descritivo através das bases de dados: PePSIC, SciELO e Google Scholar. **Resultados e discussão:** 12 artigos selecionados dos anos de 2012 a 2022, escritos em português. Levantaram-se os seguintes temas para discussão: pandemia e saúde mental; subjetividade nos meios digitais; autoimagem e percepção da personalidade; relações sociais e familiares. **Conclusão:** A subjetividade digital é um conceito novo, mas que já possui bastante corpo teórico e que se relaciona com diversas áreas, precisando, desta maneira, impulsionar debates a respeito desses fenômenos.

Palavras-chave: Subjetividade Digital; Adolescentes; Pandemia; Psicologia Analítica.

Abstract

Introduction: Digital Subjectivity is a new perception of the world based on changes in communication through social networks, digital platforms, the rapid speed of propagation of information, algorithms and appealing content, besides the commercialization of personal data by large companies. In addition to these techno-communicative revolutions, new family arrangements and compositions of social bonds emerged based on exacerbated, volatile and immediate consumerism. In this way, the construction of subjectivity among teenagers in the contemporary scenario was thought, considering the developing individual who went through a particular historical period during the COVID-19 pandemic, where social isolation caused excessive immersion in digital media. In the light of Analytical Psychological, we sought to understand these current phenomena such as the construction of subjectivity in cyberculture, possible impacts on the psychic apparatus and the reasons that led these audiences to take refuge in digital media. Objective: To analyze the impacts of social networks / digital world on the construction of adolescents' subjectivity, from the perspective of Analytical Psychology. Method: Qualitative descriptive research was carried out through the databases: PePSIC, SciELO and Google Scholar. Results and discussion: 12 articles from 2012 to 2022, written in Portuguese. The following topics were raised for discussion: pandemic and mental health; subjectivity in digital media; self-image and personality perception; social and family relationships.

Conclusion: Digital subjectivity is a new concept, but it already has a lot of theoretical body and is related to different areas, thus needing to promote debates regarding these phenomena.

Keywords: *Digital Subjectivity; Adolescents; Pandemic; Analytical Psychology.*

Resumen

Introducción: La Subjetividad Digital es una nueva percepción del mundo basada en los cambios de comunicación a través de las redes sociales, las plataformas digitales, la rápida velocidad de propagación de la información, los algoritmos, y los contenidos atractivos, además de la mercantilización de los datos personales por parte de las grandes empresas. Aparte de estas revoluciones tecnocomunicativas, surgieron nuevos arreglos familiares y composiciones de vínculos sociales basados en un consumismo exacerbado, volátil e inmediato. De esta manera, pensamos en la construcción de subjetividad entre adolescentes en el escenario contemporáneo, considerando al individuo en desarrollo que atravesó un período histórico particular durante la pandemia de COVID-19, donde el aislamiento social provocó una inmersión excesiva en los medios digitales. A la luz de la Psicología Analítica, buscamos comprender estos fenómenos actuales como la construcción de la subjetividad en la cibercultura, los posibles impactos en el aparato psíquico y los motivos que llevaron a estas audiencias a refugiarse en los medios digitales. Objetivo: analizar los impactos de las redes sociales / del mundo digital en la construcción de la subjetividad de los adolescentes, desde la perspectiva de la Psicología Analítica. Método: Se realizó una investigación cualitativa, descriptiva, a través de las bases de datos: PePSIC, SciELO y Google Scholar. Resultados y discusión: 12 artículos de 2012 a 2022, escritos en portugués. Se plantearon para discusión los siguientes temas: pandemia y salud mental; subjetividad en los medios digitales; autoimagen y percepción de la personalidad; relaciones sociales y familiares. Conclusión: La subjetividad digital es un concepto nuevo, pero que ya tiene mucho cuerpo teórico y se relaciona con diferentes áreas, por lo que es necesario fomentar debates en torno a estos fenómenos.

Palabras clave: *Subjetividad Digital; Adolescentes; Pandemia; Psicología Analítica.*

Introdução

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surgimento de uma nova doença provocada por um tipo coronavírus – a COVID-19 (Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS, 2020). Foi considerada uma emergência de saúde pública de interesse internacional, com alto risco de se espalhar para outros países ao redor do mundo. Em março de 2020, a OMS avaliou que a COVID-19 se caracterizava como uma pandemia. A doença é causada pelo SARS-Cov-2, a qual estimou cerca de 4,5 milhões de mortes somente em 2020 (Gonçalves & Corrêa, 2020).

Segundo a OPAS (2022), em um resumo científico divulgado pela OMS¹, a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou em 25% no primeiro ano da pandemia. Este estudo também mostra o efeito negativo da pandemia sobre a saúde mental de jovens, acarretando riscos de comportamentos suicidas e automutilação durante a emergência de saúde pública. Em outubro de 2021, segundo os dados disponíveis no Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021), apontam que globalmente, pelo menos um em cada sete jovens foram diretamente afetados pelo *lockdown*, enquanto mais de 1,6 bilhão de crianças e adolescentes sofreram alguma perda relacionada à educação. A ruptura com as rotinas, a escolarização, a recreação e a preocupação com a renda familiar e com a saúde deixaram muitos jovens com medo, irritados e preocupados com o futuro.

A partir do distanciamento social, houve alterações nos padrões de comportamento da sociedade, com o fechamento de escolas, mudanças de logística e dos métodos de trabalho, assim como no que tange ao entretenimento (Branco et al., 2022). Consequentemente, minou o contato próximo entre as pessoas, levando em conta que a convivência é de suma importância para a saúde mental (Bezerra et al., 2020). Neste aspecto, o fechamento das instituições de ensino deixou cerca de 1,5 bilhão de crianças e adolescentes fora das escolas, comprometendo o círculo de relações sociais e aprendizagem (Oliveira et al., 2020). Além disso, tal isolamento acabou ocasionando sentimentos de solidão, ansiedade e incerteza, acarretando o uso compulsivo de mídias sociais e jogos (Silva et al., 2021).

Estes dados alarmantes sobre os adolescentes preocupam os futuros profissionais do campo da saúde mental (Silva, 2021). A adolescência é um momento de consideráveis mudanças físicas, psicológicas, cognitivas e socioculturais. O processo de formação do indivíduo se intensifica e são esperados questionamentos dos valores provenientes da família, havendo a busca por outras referências (Papalia, 2022). Esse movimento normalmente se dá através dos pares, sendo de extrema importância as relações sociais

¹ Notícia publicada em Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) sobre resumo científico realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022). Texto completo em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>

de amizade (Miliauskas & Faus, 2020). Assim, ressalta-se que os fatores que favoreceram o adoecimento durante o isolamento social na pandemia foram: exposições excessivas às informações, diminuição da atividade física, alteração do padrão de sono, além do consumo de álcool e tabaco. Além do mais, o tempo de isolamento foi um preditor importante de problemas em saúde mental (Almeida & Silva-Jr, 2021; Conceição, 2022; Miliauskas & Faus, 2020).

Para amenizar o sentimento de solidão, a comunicação por meios digitais durante a pandemia da COVID-19 tornou-se normal. Em busca da representação do “eu” digital, o adolescente procurou o reconhecimento da sua persona midiática através de plataformas como *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e outras (Deslandes & Coutinho, 2020). Seguindo essa linha de raciocínio, o surgimento de uma subjetividade digital, influência principalmente da área de comunicação, impacta na construção da personalidade do sujeito (Guareschi, 2018). A subjetividade, sendo uma marca individual, constitui-se no contexto histórico e cultural, e é nessa mesma realidade que o indivíduo produz novos sentidos e significações, pois este é um ser social (Menezes & Amorim, 2021).

O entendimento da subjetividade na Psicologia Analítica é apresentado por Stein (2021), o qual descreve como a consciência do ego em contraponto ao outro (pessoas, sociedade, objetos e mundo em geral). Essa é uma das dimensões criadas pela consciência do ego conforme as sociedades modernas se estruturam. Podemos constatar que somos uma parte das relações que estabelecemos em nossa vida, desde o primeiro momento. Nesse sentido, a subjetividade é constituída também pelos outros, pelas relações que com eles estabelecemos. Somos fundamentalmente singulares, mas sempre construídos a partir desses vínculos (Guareschi, 2018). Nesta linha de pensamento, segundo Cerantola e Fiamenghi-Jr (2021), a subjetividade é composta por uma cultura, portanto, o cenário digital (cibercultura) faz parte da formação dos adolescentes e da vivência de sua subjetividade.

Desse modo, na cultura digital, os adolescentes estão constantemente conectados às redes. O espaço digital é essencial para as relações sociais e vínculos, questões de suma importância para o desenvolvimento do indivíduo. De acordo com Dias et al. (2019), a adolescência é marcada pelo desligamento das autoridades e inserção do indivíduo no meio social, geralmente transpassada por algum rito de passagem. Levanta-se a hipótese

que o meio virtual pode ser esse novo local de transição dos referenciais familiares para a vida social.

Os relacionamentos estão transpostos em novas maneiras de conectar-se, aliados ao mundo virtual em construção, podem assegurar uma fragilidade. Neste sentido, para Bauman (2001), a sociedade moderna está caracterizada pela instabilidade dos relacionamentos e pensamentos, além disso, a quantidade de informações a todo o momento leva as pessoas a mudarem seus ideais e referências com frequência, antes mesmo de se tornarem convicções. Alguns estudos indicam que a imersão no uso da internet e das mídias sociais podem atrapalhar o relacionamento familiar e interpessoal dos adolescentes. Estes estudos apontam que os motivos estão associados ao desvio da atenção e, conseqüentemente, à sintonia com as pessoas à sua volta (Barreto & Rabelo, 2015).

Além disso, a busca pelas realizações é contínua, porque tudo se torna muito rápido e passageiro. Assim como um líquido, é impossível manter as estruturas, ações e decisões nas mãos por muito tempo. Em tempos de modernidade líquida, as únicas certezas da sociedade são, em primeiro lugar, a convicção de que tudo vai mudar a qualquer momento e que tudo, na verdade, não passa de incerteza, pois nada mais é rígido e definitivo. As relações e acontecimentos não são feitos para durar, são rápidos, estão em constante mudança e não conservam sua forma por muito tempo (Silva & Silva, 2019).

Guareschi (2001) explica que com o avanço da tecnologia surge uma nova relação, a de competitividade, sendo primordial para o progresso e desenvolvimento nos planos econômico, filosófico e social. Todavia, a competitividade exige exclusão, tornando o homem um ser isolado, egoísta, individualizado, com o agravante do processo de culpabilização, isto é, sendo o único responsável por seus sucessos e fracassos, podendo ser chamado de individualização do ser social - um enorme paradoxo. Seguindo o mesmo raciocínio, Tedesco (2004) afirma que a sociedade estimula as condutas de sucesso e o prazer a qualquer custo, causando cada vez mais competitividade e individualismo. Com isso, a solidariedade deixa de ser uma opção a ser escolhida e passa a ser substituída pela exclusão; a generosidade pelo egoísmo e a posteridade pelo imediatismo.

Os avanços da comunicação digital ocupam interferências na formação da subjetividade do adolescente (Cerantola & Fiamenghi-Jr, 2021). As relações familiares, conforme o período histórico-cultural, exercem um papel de proteção dos seus membros, fornecendo afeto, segurança e contribuindo para o desenvolvimento da subjetividade. Desse modo, possui como propósito ensinar os membros em desenvolvimento daquela família a interagir e compreender os costumes do meio social, estruturando o indivíduo na sua formação e socialização (Barreto & Rabelo, 2015).

Conforme explicam Pedroso e Bonfim (2017), o excesso do uso das tecnologias vem provocando prejuízos para as relações intrafamiliares, por exemplo, o distanciamento entre as pessoas e a falta de diálogo nos espaços de convivência. Para se adaptar às transformações da sociedade contemporânea, sobretudo no que se refere ao sistema capitalista e às novidades do mercado, os indivíduos se veem obrigados a acompanhar as tendências tecnológicas, adquirindo produtos e aparelhos que transformam suas vidas cotidianas, hábitos e relações (Laranjeiras, et al., 2021, Lévy, 1999).

A ampla utilização da tecnologia na atualidade tem trazido prejuízos para a relação entre pais e filhos, que embora fisicamente presentes nas casas e nas famílias, ficam ausentes na vida um do outro, sucedendo uma espécie de individualismo, uma vez que o distanciamento e o diálogo virtual têm se tornado mais frequentes do que o diálogo face a face. Isso evidencia que a modernidade tem feito o homem se privar cada vez mais do contato com o outro de modo que a supervalorização da noção de individualismo faz com que a pessoa se sinta preparada para viver só, relacionando-se consigo mesma em detrimento dos outros (Gonçalves, 2022; Nascimento & Travassos, 2020).

Frente a esses aspectos, o viver cada vez mais para si e a desconsideração crescente para com os demais fazem com que o individualismo passe a ser um estilo de vida. Resultando assim, em um destaque exagerado à autoexpressão, à liberdade e à expressão da personalidade, levando a uma forma de vida para si que não necessariamente se encontra em conformidade com os anseios da coletividade, algo que já tem se mostrado danoso para as relações sociais, como no aumento da violência, da desigualdade social e do adoecimento psíquico, fruto do individualismo contemporâneo (Rocha & Lima, 2014; Tedesco, 2004; Vieira & Stengel, 2012).

É necessário um equilíbrio entre os diversos papéis sociais (estudante, filho/filha, amigo/amiga, membro de uma comunidade ou grupo, dentre outros) desempenhados pelos adolescentes, todos os quais exercem influência na formação da identidade dos mesmos e na interação com o mundo ao seu redor (Bovensiepen, 2019). De acordo com a teoria da Psicologia Analítica, entende-se o aparelho psíquico como dinâmico, na qual existem pares opostos de energias constantemente tensionadas e que provocam movimentos. Este sistema busca o equilíbrio através de movimentos compensatórios que, somados às vivências e contextos culturais, geram percepções, imagens e afetos aglutinados no sistema psíquico (Hall & Nordby, 2017). Portanto, pensar na unilateralidade de alguns aspectos psicológicos, é o mesmo que pensar um par oposto carregado energeticamente buscando uma compensação que pode ser estudada no comportamento do adolescente frente às mídias sociais.

Objetivos

Diante disso, esta pesquisa tem como proposta investigar e analisar os impactos das redes sociais e do mundo digital na construção da subjetividade dos adolescentes, especialmente à luz das circunstâncias impostas pela pandemia do Covid-19. A abordagem pela perspectiva da Psicologia Analítica permitirá uma análise aprofundada dos processos psicológicos subjacentes envolvidos nessas interações digitais e como os mesmos influenciam a construção da subjetividade dos jovens.

Método

Este estudo baseou-se em uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo. Quanto ao método de trabalho trata-se de uma revisão integrativa de literatura referente à subjetividade digital em adolescentes na pandemia sob o viés da Psicologia Analítica. Conforme apontado por Ercole, Melo e Alcoforado (2014), a revisão integrativa de literatura busca sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema de maneira sistemática, ordenada e abrangente, bem como, fornecer conteúdos amplos sobre um determinado assunto e/ou problema, estruturando um corpo de conhecimento. Os autores

descrevem seis etapas necessárias para a elaboração deste método, sendo: a identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos; interpretação dos resultados; e apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Para o levantamento dos materiais na literatura, realizou-se uma busca nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Google Scholar*.

Foram utilizados para busca dos referenciais os seguintes descritores na língua portuguesa: “Redes Sociais e seus Impactos na Adolescência”, “Subjetividade Digital de Adolescentes”, “Sociedade Contemporânea”, “Relações Familiares na Contemporaneidade”, “Impacto da Subjetividade dos Adolescentes na Pandemia”, “Adolescentes diante do enfrentamento da COVID-19”, “Emergência da Subjetividade” e “Fenômenos das Redes Sociais sobre a perspectiva da Psicologia Analítica”.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos materiais foram: referências publicadas em português, disponíveis na íntegra, e que retratassem a temática da revisão integrativa dos materiais publicados e indexados nos referidos bancos de dados nos últimos dez anos (de 2012 até 2022). Para aprofundar alguns conceitos base, foi necessário usar livros que não estão dentro do período estipulado para os artigos, porém, isso não prejudica o resultado da pesquisa, visto que serviram para complementar as referências e auxiliar na qualidade da pesquisa.

Já os critérios de exclusão definidos foram: quaisquer referenciais incompletos e em idiomas não mencionados acima, como também quaisquer estudos não publicados nos últimos dez anos, teses e dissertações.

Resultados

Nesta pesquisa foram selecionados doze artigos científicos, todos publicados em periódicos nacionais que correspondem aos anos de 2012 a 2022, disponíveis nas bases de dados: PePSIC (1), SciELO (2), *Google Scholar* (9). Todos os referenciais foram publicados em periódicos nacionais, os doze (100%) tangem-se ao Brasil. Com relação

aos periódicos, sete (58,3%) corresponderam a revistas de opinião em Psicologia acerca da subjetividade digital, identidade adquirida pelo excesso de consumo das redes sociais e saúde mental. Aponta-se que quatro pesquisas (33,3%) estavam em periódicos relacionados à Comunicação acerca das relações sociais e pessoais, e um (8,3%) publicado numa revista de Enfermagem sobre a repercussões emocionais da pandemia.

Em relação aos departamentos de atuação dos autores, evidencia-se que dois (16,6%) eram de Comunicação Social e Digital, Jornalismo e Novas Mídias. O departamento de Enfermagem correspondeu a um estudo (8,3%), de Educação com um (8,3%) material também e, no departamento de Psicologia totalizaram oito (66,6%).

Os dados encontrados acerca do método dos estudos revelaram que dez (83,33%) eram qualitativos. Destes, nove eram revisões integrativas da literatura, somente um estudo de caso, uma pesquisa empírica e quantitativa (8,3%) - cujos autores utilizaram métodos estatísticos de análise de dados - e uma (8,3%) das pesquisas correspondia às duas categorias.

Conforme apontado por Lakatos e Marconi (2003), a análise do estudo foi dividida em quatro partes: apropriação crítica do material; decomposição dos elementos essenciais; agrupamento e classificação; e análise final.

A Tabela 1 mostra a busca eletrônica e seleção de estudos desta pesquisa.

Tabela 1

Busca eletrônica e seleção dos artigos

Bases de Dados	Excluídos	Incluídos
Google Scholar	370	9
SciELO	8	2
PePSIC	0	1
Total de Artigos Incluídos:		12

A leitura dos materiais fundamentados na Tabela 2, proporcionou o levantamento dos seguintes temas para discussão: pandemia e saúde mental; subjetividade nos meios digitais; autoimagem e percepção da personalidade; relações sociais e familiares.

Tabela 2*Categorização das temáticas principais*

Área / Autores	Título	Ano / Periódico	Temática Principal
Psicologia / Neumann, D. M. C.; Missel, R. J.	Família Digital: a Influência da Tecnologia nas Relações entre Pais e Filhos Adolescentes	2019 / Revista Pensando famílias	Relações sociais e familiares
Psicologia / Dias; V. C. et. al.	Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem?	2019 / Psicologia: Ciência e Profissão	Subjetividade nos meios digitais
Enfermagem / Gadagnoto, T. C. et. al.	Repercussões Emocionais da Pandemia da COVID-19 em Adolescentes: Desafios à Saúde Pública	2022 / Revista da Escola de Enfermagem da USP	Pandemia e Saúde Mental
Psicologia / Guareschi, P.	Psicologia e Pós- Verdade: a Emergência da Subjetividade Digital	2018 / Revista do Programa de Pos- Graduacao Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul	Subjetividade nos meios digitais
Psicologia / Menezes, I. L. C. & Amorim, J.	A Emergência da Subjetividade Digital: Uma Revisão Sistemática	2021 / Repositório Institucional - Faculdade Pernambucana de Saúde	Subjetividade nos meios digitais
Psicologia / Farias, L. & Monteiro, T.	A Identidade Adquirida nas Redes Sociais Através do Conceito de Persona	2012 / Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	Auto-imagem e percepção da personalidade
Jornalismo / Rochelly, A.	Identidade Regional e Cultural e Mídias Sociais	2015/ Revista científica do IFAL	Auto-imagem e percepção da personalidade
Psicologia / Santos, C.	COVID-19 e Saúde Mental dos Adolescentes: Vulnerabilidades Associadas ao Uso de Internet e Mídias	2021 / Revista HOLOS	Pandemia e Saúde Mental

Psicologia/ Soares, S. S. D. & Câmara, G. C. V.	Sociais Tecnologia e Subjetividade: Impactos do Uso do Celular no Cotidiano de Adolescentes	2016/ Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas	Subjetividade nos meios digitais
Psicologia / Castanho, M. I. S. Zorzim, T. J. I.	Internet, Cultura do Consumo e Subjetividade de Jovens	2017 / Pesquisas e Práticas Psicossociais	Relações sociais e familiares
Jornalismo / Ely, M. E. S.	A Persona como Capital Simbólico nas Redes Sociais Digitais	2018 / Repositório Institucional da Universidade de Passo Fundo	Auto-imagem e percepção da personalidade
Educação / Thomazini, M. & Goulart, E.	Relações Familiares: a Influência do Virtual	2018 / Revista Interacções	Relações sociais e familiares

Os artigos de Santos (2021) e Gadagnoto et al. (2022), retratam as vivências cotidianas e repercussões emocionais na pandemia da COVID-19 para os adolescentes. Embora seja um fenômeno recente, já existem muitos estudos acerca dos impactos mundiais gerados pelo isolamento social. Nos adolescentes em questão, foram destacados prejuízos no ensino/aprendizagem da educação, efeitos emocionais negativos, bem como, danos nas convivências sociais. Em detrimento disso, foi pensado na categoria que fundamenta o contexto histórico da pandemia e as consequências que a mesma agrega à saúde mental dos adolescentes.

Os estudos de Thomazini e Goulart (2018), Castanho e Zorzim (2017), Neumann e Missel (2019), relatam a influência da tecnologia digital no afastamento das relações sociais e familiares dos adolescentes. A preponderância das tecnologias digitais no cotidiano provoca influências em toda dimensão da vida humana. Sendo assim, a vida em relações sociais e familiares podem ser afetadas pela presença recorrente desses recursos quase sempre de maneiras prejudiciais. Com isso, foi estipulado uma categoria de pesquisa que visou a manifestação das relações sociais e familiares diante do mundo cada vez mais globalizado e digital.

Nos escritos de Ely (2018), Rochelly (2015), Farias e Monteiro (2012) apontam para a identificação e construção da personalidade dos adolescentes inseridos nos meios digitais, abordando conceitos de persona; autorrepresentação; ciber-representação;

identidades paralelas. Desta maneira, o modo das comunicações no momento, com o aparato da internet, permite novos tipos de relacionamento com o outro e, portanto, uma identificação pessoal diferente. Em vista disso, categorizou como objeto de estudo a “Autoimagem e percepção da personalidade” nos adolescentes, considerando a fase do desenvolvimento e a imersão nos meios digitais.

Nas pesquisas de Dias et al. (2019), Guareschi (2018), Menezes e Amorim (2021), Soares e Câmara (2016) tentam delimitar e dialogar com recursos teóricos sobre a “Subjetividade digital”. Este conceito, por mais que seja amplamente pesquisado, ainda não possui uma hegemonia, por ser um conteúdo extremamente contemporâneo. Desse modo, nos artigos encontrados, percebe-se alguns pontos em comum, tais como: a construção da subjetividade mediada pelas tecnologias; os contrastes do mundo “virtual” e “real”; assim como novos papéis que a Psicologia está desempenhando diante dos fenômenos digitais. Portanto, foi construída uma categoria de discussão que abarcasse a proposta inicial de analisar a formação da subjetividade permeada pelos meios digitais, além da compreensão das relações do sujeito com o mundo atual.

Discussão

O período da adolescência concebido pela Psicologia Analítica ocorre entre os 10 e 25 anos de idade, sendo sinalizado por mudanças externas, físicas, psicológicas e sociais. Ademais, é marcado por subfases no comportamento e experiências; desenvolvimento dos instintos, nível de ansiedade, defesa, dinâmica dos complexos/transferência, relacionamento com o ego e si-mesmo (Bovensiepen, 2019; Frankel, 2021; Hall & Nordby, 2017).

No processo de individuação do adolescente estão metas desenvolvimentais; capacidade de aceitar e amar o próprio corpo sexualmente maduro, capacidade de relacionar com outros objetos além do interesse incestuoso, separação dos pais interiores, estabilização e diferenciação de identidade, sacrifício das fantasias sexuais, capacidade de conter opostos internos e assumir responsabilidades pelas próprias ações ao entrar na sociedade (persona, desenvolvimento do ego) (Berni & Roso, 2014; Calligaris, 2000; Penna & Araújo, 2021).

Pandemia e Saúde Mental

Diversos autores teorizam sobre o desenvolvimento. Skinner postulava que o desenvolvimento é impulsionado por reforços e pela imitação, destacando a importância do ambiente na moldagem do comportamento (Almeida et al., 2013). Por outro lado, Vygotsky enfatizava as trocas e interações sociais como catalisadores fundamentais do desenvolvimento, argumentando que a aprendizagem é mediada pela cultura e pelo contexto social (Chaiklin, 2011). Por sua vez, Freud, Winnicott e Erikson exploraram o papel do consciente e do inconsciente no desenvolvimento psicológico, enfatizando a importância dos estágios do desenvolvimento psicossocial e psicossocial na formação da personalidade (Borges, 1987). Contrastando com essas abordagens, Bronfenbrenner propôs um modelo ecológico do desenvolvimento, enfatizando a interação dinâmica entre a pessoa, os processos de desenvolvimento, o contexto imediato e o contexto mais amplo ao longo do tempo, reconhecendo a complexidade das influências ambientais no desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2011). É evidente que os autores divergem em suas perspectivas, contudo, ambos contribuem para o entendimento dos processos complexos envolvidos no desenvolvimento humano.

Sabe-se que os processos proximais que envolvem as interações impulsionam o desenvolvimento humano, e com a pandemia da COVID-19 houve um contexto caótico que refletiu no desenvolvimento de crianças e adolescentes, privados da necessidade de socialização com seus pares, onde há oportunidade para aprendizados significativos (Santos, 2021). Gadagnoto et al. (2022) traz uma reflexão sobre esse período no qual ocorrem diversas mudanças de caráter psicossocial, pressupondo que a interação social seja essencial para a manutenção da saúde dos adolescentes, gerando maior necessidade de interação com os pares. Com o distanciamento social houveram diversas repercussões emocionais, além de mudanças drásticas impostas no cotidiano, e com o decorrer da pandemia surgiram preocupações em relação ao futuro. O contexto de fragilidade trouxe um aumento ao risco de desencadeamento de crises de saúde mental, além do agravamento de sintomas de tristeza e ansiedade.

Santos (2021), Cerantola e Fiamenghi-Jr (2021) abordam o aumento do uso da internet durante a pandemia, utilizada tanto para os estudos quanto para o entretenimento. Essas tecnologias acabam por alterar a forma de interação entre as pessoas, inibindo a

interação física e podendo causar a separação do convívio social (Wagner et al., 2020). As redes permitem maior interação com muitas pessoas, mas causam uma redução na comunicação interpessoal dentro do ambiente físico, o que pode contribuir para o desenvolvimento de problemas psicológicos (Deslandes & Coutinho, 2020; Silva & Silva 2017).

O uso excessivo da internet traz problemas como o mau gerenciamento do tempo, além de conflitos nas atividades e relacionamentos, sentimentos de culpa, isolamento, alteração do sono e declínio no desempenho escolar (Miliauskas & Faus, 2020; Santos, 2021). Soares e Câmara (2016) ressaltam o risco da exposição excessiva e descuidada, dada a rapidez em que ocorrem as relações virtuais. Registros de informações pessoais podem ser rastreadas, além de outros problemas como invasão de privacidade e cyberbullying. Todos esses fatores impactam de forma direta no desenvolvimento de adolescentes, afetando atividades importantes para a maturação física e psíquica (Bottino et al., 2015; Wendt & Lisboa, 2020).

Autoimagem e Percepção da Personalidade

Para Jung (1971/2014b), a persona ao se dissolver da máscara é um ser coletivo, ou seja, não passa de uma máscara da psique coletiva, nada tem de real. Representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, daquilo que ele aparenta ser, assim, é apenas uma aparência. O conceito de persona aplicado às redes sociais possibilita a criação de uma identidade validada pelos outros (Rochelly, 2015). A influência das redes sociais e da internet na criação de identidades paralelas ao mundo tátil, está presente no cotidiano dos adolescentes desde a infância, o que contribui para preocupação com a imagem (Farias & Monteiro, 2012).

A criação de uma identidade virtual não pode ser concebida pelo seu “eu” fora das redes sociais, já que os atributos à persona real são incompatíveis ao do próprio criador. Por essa razão Jung (1971/2014b) designava a persona como uma expressão muito apropriada à máscara usada pelo ator. Ao comparar com o papel e escolhas de cada usuário dentro das suas redes sociais, são apenas componentes de uma personalidade criada para ser executada ali, no campo cibernético (Farias & Monteiro, 2012). Quando alcança a esfera da comunicação liberam-se dos constrangimentos espaços-temporais,

logo a falta de confiança no ambiente e preocupação com a reputação, popularidade e identificação com as personas apresentadas (Ely, 2018).

No entanto, as redes sociais ampliaram a liberdade de expressão e as interações entre os sujeitos, um ponto chave na construção da identidade regional e cultural dos indivíduos. O conceito de identidade, passa a ser considerado um valor em constante construção e transformação (Rochelly, 2015). Levando em consideração que cada indivíduo constrói a própria mitologia pessoal a partir do fluxo midiático (Ely, 2018).

Do ponto de vista da Psicologia Analítica desenvolvimentista, a adolescência é um processo de individuação e oferece uma segunda oportunidade de integração das partes infantis (fantasia, emoções e sensações) que não puderam ser integradas no desenvolvimento infantil. O processo de integração não pode ser separado do desenvolvimento, já que ocorre a ênfase de si-mesmo como uma totalidade da personalidade consciente e inconsciente, na qual o ego está contido. Por fim, a formação da identidade sendo a principal meta desenvolvimentista é considerada como um relacionamento equilibrado entre o ego e si-mesmo (Bovensiepen, 2019; Frankel, 2021; Hall & Nordby, 2017).

Subjetividade nos Meios Digitais

A subjetividade é o aspecto mais pessoal da psique humana constituída através da história de vida do indivíduo a partir de suas relações com o outro, como bem mencionado no texto (Castanho & Zorzim, 2017; Menezes & Amorim, 2021). Através dos tempos esse conceito foi modificado por intervenção dos meios de comunicação e, diante do cenário pandêmico, tendo em vista uma necessidade de adaptação a esse contexto, as tecnologias intensificaram a digitalização da vida, ocasionada pelos algoritmos e mídias com instrumentos tecno liberais (Cerantola & Fiamenghi-Jr, 2021). Desse modo, propiciando o conceito amplamente estudado da subjetividade digital, em que o próprio ser humano virou um produto mercantilizado e manipulado — uma vez que, a coleta de dados pessoais passou a ter um alto valor de mercado (Guareschi, 2018).

Por este motivo, os conteúdos produzidos nos meios digitais, possuem um caráter imersivo, operacionalizado e apelativo com a finalidade do sujeito se auto identificar

(Soares & Câmara, 2016). Nesse sentido, o sujeito se cristaliza em “filtros bolha”² promovendo uma unilateralidade da consciência, isto é, o indivíduo não só se fecha em torno de alguns conteúdos e comunidades virtuais, mas, além disso, mantém-se em contato apenas com uma das partes da sua própria psique (Menezes & Amorim, 2021).

Na teoria da Psicologia Analítica, Jung (1971/2014b) conceituou a libido como uma energia psíquica, que tem base em entendimentos retirados da física. Em vista disso, abarca suas próprias leis de conservação, adaptação, finalidade e equivalência, isto é, o sistema psíquico é dinâmico, autorregulado e relativamente fechado. Desta maneira, o psiquismo ocorre a partir da enantiodromia³, possibilitando movimento, adaptações, sintomas e/ou fantasias (Hillman, 1997). Portanto, com a construção de uma subjetividade cristalizada por intermédio da digitalização, o sujeito passa a possuir uma energia psíquica unilateral, empobrecendo e necessitando uma busca de reconhecimento das outras partes psíquicas (Guareschi, 2018).

Sob os aspectos da dinâmica psíquica, compreende-se que ocorre uma estagnação da libido, isto é, ela se acumula e o seu refluxo vai para o inconsciente, ou seja, a sua regressão. Essa situação, não raramente, acontece para se adaptar a uma situação complexa exterior - neste caso, a pandemia. A consciência unilateral não consegue assimilar e integrar o ocorrido, então, a libido regressa ao inconsciente promovendo conteúdos que procuram uma forma de escape e reintegração, seja na forma de um sintoma ou de uma fantasia (Jung, 1971/2014b; Hall & Nordby, 2017).

Além disso, Jung (1972/2014c), teorizou que o indivíduo quando busca estar em contato com o Si-mesmo, ou seja, ao buscar o processo de individuação e, conseqüentemente, o processo de desenvolvimento de personalidade, inevitavelmente se separa da grande massa. Isto é, o processo de desenvolvimento é por si só angustiante e

² Mecanismos que filtram informações com base nos acessos, curtidas, históricos e dados do usuário, dessa forma, mostrando conteúdos relevantes e, conseqüentemente, manipulando a percepção da realidade, das escolhas e classificações das informações (Menezes & Amorim, 2021).

³ Termo criado pelo filósofo Heráclito e apropriado por Jung para conceituar a dinâmica do inconsciente. Este conceito fala sobre uma *dialética* estabelecida entre “pares de força”, isto é, sempre que uma força é gerada, outra de mesma natureza, intensidade e propriedades semelhantes é criada sentido oposto, tal qual um contrapeso.

necessita de atrito com o ambiente, com a família, com a sociedade e posição social. Deste modo, diante de uma consciência unilateral da criação de sintomas e fantasias, a neurose do indivíduo imerso na vida digital tenta se proteger contra a atividade interior da alma ou, até mesmo, esquivar-se dos conteúdos, apesar da libido tentar se manifestar através do simbólico (Hall & Nordby, 2017; Hillman, 1997).

Conforme apontado por Fraz (1999), o símbolo não define e nem explica, mas aponta para fora de si, a um significado psíquico, que só foi pressentido. Sendo assim, uma expressão indeterminada, ambígua, que media a tensão entre o inconsciente e a consciência. Portanto, o contato com o campo simbólico possibilita a canalização da energia psíquica para produzir algo novo, ou seja, integrar e movimentar os pares tensionados do aparelho psíquico (Hillman, 1997). Por outra forma, o símbolo promove uma resolução da compensação, pois é nele que emerge do inconsciente conteúdos que possibilitam uma nova roupagem, isto é, uma nova compreensão/ finalidade e, por conseguinte, formando a oportunidade de transformação (Jung, 1973/2016).

A discussão sobre a subjetividade nos meios digitais requer uma abordagem contextualizada do conceito de pós-verdade, conforme enfatizado por Guareschi (2018), que descreve a transição da solidez para a liquidez no que diz respeito à noção de verdade. O termo "pós-verdade" sugere não tanto uma substância, mas principalmente um estado adjetivo caracterizado por indiferença e descaso. Observa-se um choque de ideias na qual a validade é determinada pelos interesses, desejos, crenças e convicções pessoais (Barban & Tfouni, 2022). Ao estabelecer uma relação entre pós-verdade e Psicologia, adentramos o terreno dos valores, crenças, motivações e produção de subjetividades. A subjetividade, compreendida de maneiras diversas, não é moldada exclusivamente a nível individual, mas também através das interações interpessoais, conforme apontado por Guareschi (2018), onde o ser humano é concebido como uma pessoa-relação.

Um exemplo científico dessa dinâmica é apresentado em um artigo que relata o vazamento de um documento pelo jornal Australian, revelando que o Facebook monitorava em tempo real o estado emocional de jovens para fins comerciais. Esse caso evidencia como as informações sobre as emoções dos usuários são exploradas para benefício econômico, demonstrando uma mercantilização das vulnerabilidades humanas (PITA, 2017).

Deste modo, Guareschi (2018) alerta para o risco de que, na era da pós-verdade e da proliferação das tecnologias de comunicação, sejam moldados de maneira a reduzir a consciência e a liberdade humanas, aproximando os indivíduos de um estado robótico. O evento da pandemia tem sugerido reflexões profundas, incluindo a percepção da escassez de espaço para a alma no cotidiano contemporâneo, esta crise revela os limites do individualismo em face de traumas coletivos, apontando para a necessidade de repensar as relações humanas e os valores subjacentes à sociedade digital (Gadotti, 2020).

Relações Sociais e Familiares

As estruturas de relacionamento social e familiar foram reconstruídas a partir da popularização da internet na vida das pessoas (Nascimento & Travassos, 2020; Thomazine & Goulart, 2018). Segundo Bordignon e Bonamigo (2017), as redes podem trazer transformações dos usuários sejam elas pessoais e sociais, sendo assim, podem ou não criar vínculos afetivos com outros sujeitos de qualquer parte do mundo. Além disso, possibilita uma comunicação rápida para compartilhar experiências de sentimentos, ideias, percepções e outros.

Em contrapartida, para Neumann e Missel (2019), o afastamento físico é cada vez maior entre aqueles que estão perto, pela preferência concedida às tecnologias por sua instantaneidade e atemporalidade. O diálogo perdeu espaço para as facilidades que a tecnologia traz para o cotidiano, as quais são cada vez mais presentes, acessíveis e utilizadas, tornando-se, na mesma medida, indispensáveis (Silva & Silva, 2017). Diante disso, as relações virtuais abatem facilmente a “vida real”, tendo em vista, a capacidade dos equipamentos eletrônicos de multiplicar encontros entre as pessoas, tornando-os breves, superficiais e sobretudo descartáveis (Lévy, 1999).

Tanta tecnologia que aproxima as pessoas de pontos distintos do mundo com mais rapidez, também aparta as relações interpessoais com a mesma velocidade (Thomazini & Goulart, 2018). A rapidez e o excesso de informações, de ferramentas tecnológicas, aliados à rotina sobrecarregada, facilitam para que as relações entre as pessoas aconteçam com mais velocidade e com menos qualidade e compromisso de continuidade. O que contribui para prejuízos do lado afetivo, das relações humanas e valores. Bauman (2004), ao falar de relacionamentos humanos na sociedade atual, cita que a internet é considerada

um meio comunicativo muito atrativo e de “inconsciente” fuga, pois através dela não é necessário relacionar-se ou correr perigo com o próximo, gerando falta de comprometimento e relacionamentos frágeis.

Todavia, no estudo desenvolvido por Castanho e Zorzim (2017), apontam que certos hábitos de adolescentes no uso da internet e das mídias, atrapalham o relacionamento familiar e interpessoal, pois impedem uma completa interação, desviam a atenção e sintonia com as pessoas em volta. No entanto, os mesmos não conseguem ficar sem seus celulares, uma vez que, contraditoriamente, apontam o valor da comunicação virtual como forma de se manterem em sintonia com os amigos e familiares.

Apesar das críticas ao crescente uso da internet devido ao modo de utilização do tempo livre e pelo receio da substituição das relações reais pelas virtuais, outros autores dizem que os relacionamentos virtuais também podem ser solidários, intensos, profundos e direcionar a laços de amizade e companheirismo (Wagner et al., 2009). Ressaltam ainda que a tecnologia potencializa o ser humano, expande suas capacidades e, nesse caso, seus relacionamentos, o que seria impossível pela distância geográfica entre os amigos de escola, por exemplo, agora se concretiza virtualmente, trazendo esse amigo distante para perto (Bordignon & Bonamigo, 2017).

Com o advento da inclusão digital, esse bem-estar humano pode se tornar vulnerável na medida em que acontece o mau uso do tempo livre, por isso, um aspecto observado e que também tem sido preocupante é o surgimento de conflitos intrafamiliares provocados pela abstinência tecnológica, indicando demasiada dependência das tecnologias, a falta de priorizar tempo com os membros da família, que poderão ter importantes implicações na estrutura afetiva e dificuldades relacionais, identitárias, psicológicas, dentre outras (Fonte, 2008).

Dessa forma, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2016) recomenda que os adolescentes não devem permanecer isolados nos seus quartos, os pais precisam estabelecer limites de horário e mediar o uso da tecnologia. Precisam manter o diálogo e abordar sobre valores familiares e regras de proteção social para o uso saudável, construtivo e crítico das tecnologias. Bem como incentivar no aproveitamento das oportunidades para a convivência em família e no compartilhamento de momentos de prazer sem o uso da tecnologia.

Considerações finais

Nosso objetivo proposto ao início desta pesquisa foi atingido através dos critérios metodológicos estabelecidos. Dessa forma, conseguiu-se investigar os impactos do meio virtual nos processos de construção subjetiva dos adolescentes dialogando à luz da Psicologia Analítica. Na análise dos resultados, ficou evidente que a temática é de extrema relevância com diversas questões sociais, culturais e teóricas da comunicação, que auxiliam a perceber toda a dinâmica contemporânea do consumo, comportamento, assim como do entendimento e compreensão dos fatos.

Com o intuito de responder à pergunta motivadora feita no começo da pesquisa: “Quais os motivos psicológicos que levam os adolescentes a buscarem esse espaço dentro das redes sociais ou do meio virtual?”, articulou-se com conceitos da Psicologia Analítica e da análise social do presente momento. Resultou nas delimitações e exposições do conceito da subjetividade digital, da influência do algoritmo, da manipulação dos fatos e dos comportamentos com o intuito de um viés mercadológico, passando pelas relações sociais no século XXI e descrição de algumas consequências da pandemia.

Com os resultados, percebe-se que por mais que o tema seja atual e que ainda possui pontos de divergências conceituais, principalmente sobre os impactos da digitalização da vida sobre a subjetividade, existe um grande interesse de pesquisa sobre essa temática. Portanto, o conhecimento científico está sendo construído para que se possa entender o papel de cada área do conhecimento nesta conjuntura. Alguns pesquisadores focados nas relações sociais, outros mostrando algumas vantagens, porém todos os estudos tentam sondar os fenômenos aparentes.

Como resultado das leituras, foi possível perceber que diante de um recorte temporal tão complexo, os adolescentes utilizaram os meios digitais por diversos motivos: na intenção de ter uma auto imagem diferente da real, de compor uma identidade, estabelecer vínculos através da comunicação digital, a busca da autonomia própria no meio digital e, até mesmo, possuir algum amparo da situação social. Para dialogar com esses fenômenos foi pensado nos conceitos de Persona, que se constitui de uma máscara entre o indivíduo e a sociedade - entre o interno e o externo - e, nesse sentido, revela o que aparenta ser, protegendo o ego ou se adaptando a algum meio (Jung,

1971/2014b). Entretanto, ao falarmos de personas no meio digital, mostra a possibilidade da criação de uma identidade que pode ser confundida com o real (Farias & Monteiro, 2012; Rochelly, 2015). Por conseguinte, a energia psíquica se encontrará em um modo unilateral regressivo criando, assim, sintomas e fantasias, tendo em vista que o aparelho psíquico tentará de alguma forma apontar alguma direção para restabelecer o equilíbrio - movimento compensatório (Bovensiepen, 2019).

Contudo, no atual momento de hiper conectividades e da mercantilização da vida, o campo do simbólico parece estar em segundo plano, levando em conta o fato da sociedade exigir cada vez mais condutas de sucesso, exigências, competitividade e consumo, ou seja, comportamentos conscientes, os quais não dão espaço para manifestações intuitivas, arquetípicas e simbólicas (Jung, 1973/2016a; Vieira & Stengel, 2012). Neste aspecto, o campo do simbólico passa por um esvaziamento, por conta da lógica neoliberal dos espaços virtuais e, sendo assim, não conseguindo articular com as necessidades da alma, o qual impacta diretamente na construção subjetiva, principalmente de indivíduos em desenvolvimento.

Por fim, conclui-se que a subjetividade digital é um conceito novo, mas que já possui bastante corpo teórico e que se relaciona com diversas áreas, sendo importante impulsionar debates a respeito desses fenômenos. Desta maneira, ao traçar linhas mais concretas do papel da Psicologia ao se relacionar com esta nova forma de perceber o mundo que trazem efeitos práticos e desafios resultantes da digitalização da vida para os sujeitos envolvidos. As intervenções psicológicas devem ser direcionadas para abordar questões específicas relacionadas ao uso excessivo das mídias sociais, como a dependência, a falta de habilidades sociais offline, o impacto na autoestima e no bem-estar emocional.

Além disso, é importante considerar o papel das mídias sociais na formação da identidade e na construção de relacionamentos interpessoais, adaptando as estratégias de intervenção para promover uma relação mais saudável e equilibrada com a tecnologia, como por exemplo: a Psicologia pode contribuir para o desenvolvimento de programas de educação digital que promovam o uso consciente e saudável da tecnologia, bem como para a criação de ambientes online mais inclusivos e empáticos. Sendo assim, as reais colaborações da Psicologia devem consistir em oferecer suporte emocional, desenvolver

habilidades de autorregulação e promover a conscientização sobre os impactos do uso excessivo das mídias sociais, capacitando os indivíduos a fazerem escolhas mais conscientes e saudáveis em relação ao seu engajamento digital.

Referências

- Almeida, A. P. de; Lima, F. M. V.; Lisboa, S. M.; Franco Júnior, A. J. de A. & Lopes, A. P. (2013). Comparação entre as teorias da aprendizagem de Skinner e Bandura. *Caderno De Graduação - Ciências Biológicas E Da Saúde - UNIT - ALAGOAS*, 1(3), 81–90.
<https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/905>
- Almeida, I. M. G. & Silva-Jr, A. A. da (2021). Os Impactos biopsicossociais sofridos pela população infantil durante a pandemia do Covid- 19. *Research, Society and Development*, 10(2), 1-10.
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12286>
- Barban, P. G. G. ., & Tfouni, L. V. (2022). A pós-verdade do ponto de vista discursivo e das teorias da modernidade. *Revista ECOS*, 32(01), 145–167.
<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/6386>
- Barreto, M. J. & Rabelo, A. A. (2015). A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. *Pensando fam.*, 19(2), 34-42.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Berni, V. L. & Roso, A. (2014). A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 126-136.
- Bezerra, C. B., Saintrain, M. V. de L., Braga, D. R. A., Santos, F. da S., Lima, A. O. P., Brito, E. H. S. de & Pontes, C. de B. (2020). Impacto psicossocial do isolamento durante pandemia de covid-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. *Saúde Soc. São Paulo*, 29(4), 1-10.

- Bordignon, C. & Bonamigo, I. S. (2017). Os jovens e as redes sociais virtuais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 310-326.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Borges, M. I. P. (1987). *Introdução à Psicologia do Desenvolvimento*. Porto: Edições Jornal de Psicologia. 179p.
- Bottino, S. M. B., Santos, R. M., Martins, B. de C., & Regina, C. G. (2015). Repercussões do cyberbullying na saúde mental dos adolescentes. *Debates Em Psiquiatria*, 5(2), 20–27. <https://doi.org/10.25118/2763-9037.2015.v5.171>
- Branco, S. A., Souza, V. L. T. de & Arinelli, G. S. (2022). Isolamento social, pandemia atividade docente: Significações sobre o ensino remoto. *Revista Psicopedagogia*, 39(120), 320-331. <https://dx.doi.org/10.51207/2179-4057.20220036>
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.
- Bovensiepen, G. (2019). Adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. In: Stein, M. *Psicanálise Junguiana: trabalhando no espírito de C.G. Jung*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência I Contardo Calligaris*. São Paulo : Publifolho.
- Castanho, M. I. S. & Zorzim, T. J. I. (2017). Internet, cultura do consumo e subjetividade de jovens. *Pesqui. prá. psicossociais*, 12(1), 36–53.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Cerantola, J. & Fiamenghi-Jr, G. (2021). A. Redes sociais e impactos na subjetividade do adolescente na Pandemia. In: Zago, M. C. (Org.). *Saúde Mental no Século XXI: indivíduo e coletivo pandêmico*. Guarujá - SP: Científica. 225-243.
10.37885/210102788
- Chaiklin, S. (2011). A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino. *Psicologia Em Estudo*, 16(4), 659–675.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/jCGfKbkrHPCr8KyZD4xjB3C/?format=pdf&lang=pt>

- Conceição, L. G. da (2022). A depressão e a pandemia: Um olhar sobre a adolescência. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Anhanguera - Macapá. 28p.
https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/53395/1/LETICIA_GARCIA_DA_CONCEIÇÃO.pdf
- Deslandes, S. F. & Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 2479–2486.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>
- Dias, V. C.; Lima, N. L.; Viola, D. T. D.; Kelles, N. F.; Gomes, P. S. & Silva, C. R. (2019). Adolescentes na Rede: Riscos ou ritos de passagem? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048>
- Ely, M. E. S. (2018). *A persona como capital simbólico nas redes sociais digitais*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Passo Fundo. 67p.
<http://repositorio.upf.br/bitstream/riupf/1540/1/PF2018Maria%20Eduarda%20Sfredo%20Ely.pdf>
- Ercole, F. F.; Melo, L. S. & Alcoforado, C. L. G. C. (2014). Revisão integrativa versus revisão sistemática. *REME Rev Min Enferm*, 18(1). 9-11. 10.5935/1415-2762.20140001
- Farias, L. & Monteiro, T. (2012). A identidade adquirida nas redes sociais através do conceito de persona. In: *XIX Prêmio Expocom*, Chapecó.
intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1497-1.pdf.
- Fonte, L. (2008). *A influência das novas formas de comunicação no desenvolvimento sócio emocional das crianças*. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Psicologia Aplicada e Formação. Porto, Portugal.
- Frankel, R. (2021). *A psique adolescente: Perspectivas junguianas e winnicottianas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Franz, M-L von. (1999). *A Interpretação dos Contos de Fadas*. São Paulo: Paulus.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância. UNICEF. (2021). Impacto da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a 'ponta do iceberg'. Brasília (DF). Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/impacto-da-covid-19-na-saude-mental-de-criancas-adolescentes-e-joovens> > Acesso: 12 de outubro de 2022

- Gadagnoto, T. C., Mendes, L. M. C, Monteiro, J. C. S, Gomes-Sponholz, F. A. & Barbosa N.G. (2022). Repercussões emocionais da pandemia da COVID-19 em adolescentes: desafios à saúde pública. *Rev Esc Enferm USP.*, 56:e20210424. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0424>.
- Gadotti, Claudia Morelli. (2020). Viveremos em um mundo mais anímico após a pandemia?. *Junguiana*, 38(2), 9-20. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252020000200002&lng=pt&tlng=pt
- Gonçalves, R. F. N. & Corrêa, J. W. N. (2020). Epidemiologia do surto de doença por Coronavírus (COVID-19). *DESAFIOS - Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins*, 7(Especial-3), 18–25. <https://doi.org/10.20873/uftsuple2020-8710>
- Gonçalves, L. L. (2022). *Dependência digital: Tecnologias Transformando Pessoas, Relacionamentos e Organizações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Barra Livros.
- Guareschi, P. (2001). Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: Sawaia, B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2.ed. Petrópolis: Vozes.
- Guareschi, P. (2018). Psicologia e Pós-Verdade: a Emergência da Subjetividade Digital. *PSI UNISC Santa Cruz do Sul*, 2(2), 19-34.
- Hall, C.S. & Nordby, V. J. (2017). *Introdução à Psicologia Junguiana*. São Paulo: Cultrix.
- Hillman, J. (1997). *O Código do Ser: Ensaio de Psicologia Arquetípica*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jung, C. G. (2014a). A energia psíquica: A dinâmica do inconsciente. Obras completas v. 8/1. Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1971).
- Jung, C. G. (2014b). Eu e o inconsciente: Dois escritos sobre Psicologia Analítica. Obras completas v. 7/2. Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1971).

- Jung, C. G. (2014c). O desenvolvimento da personalidade Obras completas v. 17. Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1972).
- Jung, C. G. (2016a). Símbolos da transformação. Obras completas v. 5. Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1973).
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. Atlas.
- Laranjeiras, A. L. C., Neves, R. W. S., Alencar, V. V. & Lopes, A. P. (2021). Uso excessivo das tecnologias digitais e seus impactos nas relações psicossociais em diferentes fases do desenvolvimento humano. *Ciências Biológicas e de Saúde Unit*, 6(3), 166-176.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. 1.ed. São Paulo: Editora 34.
- Menezes, I. L. C. & Amorim, J. (2021). A emergência da subjetividade digital: uma revisão sistemática. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Pernambucana de Saúde. 19p. <http://tcc.fps.edu.br:80/jspui/handle/fpsrepo/1082>
- Miliauskas, C. R., & Faus, D. P. (2020). Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 30(4), e300402. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300402>
- Nascimento, A. P. do, & Travassos, L. M. M. (2020). Vivências relacionais nas redes sociais em diferentes fases da vida. *Revista do NUFEN*, 12(2), 62-82. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02artigo66>
- Neumann, D. M. C., & Missel, R. J. (2019). A Influência da Tecnologia nas Relações entre Pais e Filhos Adolescentes. *Pensando Famílias*, 23(2), 75-91. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Oliveira, W. A., Silva, J. L., Andrade, A. L. M., Micheli, D. D., Carlos, D. M., & Silva, M. A. I. (2020). A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. *Cadernos De Saúde Pública*, 36(8), e00150020. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020>
- Organização Pan-Americana da Saúde. OPAS. (2020). OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. Notícia. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>

- Organização Pan-Americana da Saúde. OPAS. (2022). Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em: 12 out 2022.
- Papalia, D. E. (2022). *Desenvolvimento humano*. 14. ed. Artmed.
- Pedroso, C. M. S. & Bomfim, E. L. S. (2017). O impacto da tecnologia no ambiente familiar e suas consequências na escola. *E-FACEQ: Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós*, 6(10). ISSN 2238-8605.
https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20171030115836.pdf
- Penna, E. M. D. & Araújo, F. R. R. S. (2021). Adultescência: a caminho da maturidade no mundo contemporâneo. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, 39(1), 167-178. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v39n1/10.pdf>
- Pita, M. (2017). Facebook negocia dados de milhões de jovens emocionalmente vulneráveis. In Carta Capital.
<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/facebook-negocia-dados-de-milhoes-de-jovens-emocionalmente-vulneraveis/>
- Rocha, J. G. & Lima, J. P. (2014). As múltiplas faces da violência urbana na contemporaneidade. *Soc. Apl.*, 22(1), 19-26.
<https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/5944/4146>
- Rochelly, A. (2015). Identidade regional e cultural e mídias sociais. *EDUCTE: Revista Científica Do Instituto Federal De Alagoas*, 3(2).
<https://periodicos.ifal.edu.br/educte/article/view/91>
- Santos, C. (2021). COVID-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. *HOLOS*, 3, 1–14.
<https://doi.org/10.15628/holos.2021.11651>
- Silva, W. C. et al. (2021). Explorando os impactos na saúde mental de crianças durante a pandemia de covid-19. *International Journal of Development Research*, 11(04), 46248-46253. <https://doi.org/10.37118/ijdr.21683.04.2021>

- Silva, J. S. & Silva, L. A. A. S. G. (2019). O paradoxo do camaleão: identidade e modernidade líquida segundo a análise de Zygmunt Bauman. *Rev. Sociologias Plurais*, 5(1), 451-468. <http://dx.doi.org/10.5380/sclplr.v5i1.68207>
- Silva, T. de O., & Silva, L. T. G. (2017). Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Revista Psicopedagogia*, 34(103), 87-97. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n103/09.pdf>
- Soares, S. S. D. & Câmara, G. C. V. (2016). Tecnologia e subjetividade: impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, 1(2), 204 - 223. <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13619>
- Sociedade Brasileira de Pediatria. SBP. (2016). Departamento Científico de Adolescência. *Manual de Orientação. Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital*. Rio de Janeiro: SBP. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166dMOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf
- Stein, M. (2021). *Sincronizando tempo e eternidade: ensaios sobre Psicologia Junguiana*. 1. ed. São Paulo: Pensamento Cultrix. 312p.
- Tedesco, J. C. (2004). *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. 5.ed. São Paulo: Ática.
- Thomazini, M. & Goulart, E. (2018). Relações familiares: a influência do virtual. *Revista Interações*, 14(47). <https://doi.org/10.25755/int.14182>
- Vieira, E. D. & Stengel, M. (2012). Individualismo, liberdade e insegurança na Pós-modernidade. *Ecos*, 2(2), 345-357.
- Wagner, A.; Verza, F.; Spizzirri, R. C. P. & Saraiva, C. E. (2009). *Adolescência & Comunicação Virtual: A era da informação e a vida cotidiana (e agora.com)*. São Leopoldo: Editora Sinodal.
- Wendt, G. W., & Lisboa, C. S. de M. (2020). Cyberbullying e depressão em adolescentes. *Psicologia para América Latina*, (34), 221-231. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2020000200012